

## Resenhas

**KARAKASIDOU, Anastasia N. 1997.**  
***Fields of Wheat, Hills of Blood – Passages to Nationhood in Greek Macedonia (1870 – 1990)*. Chicago and London: The University of Chicago Press.**

**Andréa Borghi Moreira**  
**Jacinto**

“Paradoxo da fronteira: criados por contatos, os pontos de diferenciação entre dois corpos são também pontos comuns. A junção e disjunção são aí indissociáveis. Dos corpos em contato, qual deles possui a fronteira que os distingue? Nem um nem o outro. Então, ninguém?

Problema teórico e prático da fronteira: a quem pertence a fronteira? (...) a palavra do limite cria a comunicação assim como a separação: e muito mais, só põe uma margem dizendo aquilo que o atravessa, vindo da outra margem. Articula. É também uma passagem. No relato, a fronteira funciona como um terceiro. Ela é um “entre dois” – “um espaço entre dois”. (...) Lugar terceiro, jogo de interações e de entrevistas, a fronteira é como um vácuo, símbolo narrativo de intercâmbios e encontros”.

Michel de Certeau, *A Invenção do Cotidiano – Artes do Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996. pp.213-14.

Karakasidou inicia a introdução de seu livro com três mapas. O primeiro representa a área geográfica da Macedônia e dos Bálcãs do Sul. O segundo e o terceiro mapas se referem à região da Bacia de Langadhas (*Langadhas Basin*), respectivamente ao final do século XIX e ao final do século XX, atualmente Macedônia Grega. De certo modo, poderíamos dizer que, ao longo de seu livro, o leitor acompanha a transformação dessas representações gráficas, mapas – que, como lembra De Certeau, sugerem a singularidade e a estabilidade dos lugares representados – em lugares praticados. A Macedônia, os Bálcãs do Sul, a Bacia de Langadhas e os outros lugares que desaparecem ou surgem ao redor desses nomes são re-significados através de suas temporalidades, histórias e da agência humana envolvida em seus processos de construção.

Caracterizando sua obra como um estudo do processo de transformação histórica, seu objetivo é o de entender como os diversos grupos habitantes dessa região vivenciaram e incorporaram o sentimento de pertença a uma única

cultura nacional, a da Grécia. A grande dificuldade em apresentar e sintetizar seu trabalho é a de evitar a simplificação da riqueza de detalhes, da multiplicidade e do caráter dinâmico de seu olhar sobre esse mesmo processo.

A periodização circunscrita por Karasidou tem início em meados do século XIX, indo até o final do século XX, presente da pesquisa etnográfica e das repercussões de sua escrita. Os grandes marcos de transformação desse período, na região, são sobretudo conflitos e guerras, tanto as de escala regional, ligadas à formação e à configuração de novos estados-nação (Grécia, Bulgária, Turquia, Sérvia), como as duas guerras mundias.

Como contraponto dessa quase linguagem da violência, desdobramento da própria formação e consolidação dos estados-nação, a autora oferece um olhar mais aprofundado sobre o momento imediatamente anterior a essa configuração - meados do século XIX, último período da Regra Otomana na região. Nesse foco, os Bálcãs são descritos como uma ponte terrestre atravessando e unindo leste e oeste, sudeste e noroeste da Eurásia, Europa e Império Otomano. A analogia feita por Karasidou dos Bálcãs como pontes (:218), e a subsequente era de guerras e disputas por suas fronteiras, tornam inevitável a lembrança de De Certeau e a aproximação analítica entre fronteiras e pontes, “espaço entre dois”.

Partindo desse momento histórico, os Bálcãs do Sul surgem como um território de terras férteis, habitado por vários povos, e entrecruzado por importantes rotas comerciais. O comércio intenso é apontado como o principal aspecto na caracterização da região como espaço de trocas e circulação entre diversos grupos – falantes de eslavo, de grego, ciganos, muçulmanos, judeus etc. A língua grega é descrita, nesse período, como língua franca do comércio, suporte para trocas e comunicações.

Ao final do século XIX, a bacia de Langdhas, e particularmente a cidade de Guvezna – posteriormente Assirus, *locus* de sua etnografia - começam a receber em maior número a migração de jovens “falantes de grego”, que se estabelecem na região, casam-se com mulheres “falantes de eslavo”, e se especializam no comércio (ao contrário dos grupos falantes de eslavo, voltados sobretudo à atividade agrícola). Com a desintegração do Império Otomano, inicia-se um processo de reorganização territorial, e a região começa a ver a aquisição de terras de muçulmanos por parte dos recém-chegados falantes de grego. Paralelamente, o leitor começa a acompanhar a formação da *aghora* – centro comercial e representação física e simbólica das atividades, presença e poder dos *tsorbadjidhe*, como passam a ser chamados os herdeiros dos antes “greek-speakers”.

Aspecto essencial para a caracterização desse período são, portanto, os movimentos em direção a uma reconfiguração territorial, administrativa e política. Um desses movimentos relaciona-se ao mundo religioso, particularmente o da Igreja Cristã. O “Orthodox Patriarchate”, hegemônico no período Otomano, e que forneceria uma base comum aos vários e diferentes povos cristãos da região, é desafiado pela criação da Igreja Ortodoxa Búlgara (1870).

A partir daí, o leitor acompanha uma série de outros acontecimentos, eventos e processos que contribuíram para a construção da hegemonia grega no território. Em Guvezna, por exemplo, evidenciam-se cada vez mais reciprocidades entre os *tsorbadjidhe* e o que se tornou posteriormente o Estado da Grécia, Nação dos Helenos. Igualmente, intensificam-se os conflitos entre Grécia e Bulgária em torno do território macedônio. Esse conflito entre os estados-nação em formação, e o modo como o mesmo é vivenciado por *greek* e *slavic speakers*, torna-se um dos eixos centrais de sua narrativa.

Ao falar desses grupos ou coletividades é importante destacar o esforço de seu trabalho em não reificar essencialismos, sobretudo relacionados às noções de identidade e de etnicidade. Tal esforço dialoga criticamente tanto com o discurso e a reflexão acadêmicos, como com discursos políticos do nacionalismo e da identidade nacional. No caso desses últimos, a repercussão de seu trabalho na Grécia e fora dela, as ameaças sofridas pela autora e pelos habitantes de seu campo (Guvezna/Assirus), apontados como traidores, búlgaros, não-gregos, *skopians*, o contexto do ressurgimento da questão macedônia, são elementos que indicam as fronteiras também fluidas entre discurso acadêmico, discursos locais/nacionais e realidade política e histórica.

Um dos melhores campos para a reflexão sobre essas ‘outras’ fronteiras talvez esteja na própria noção de etnicidade. Segundo a autora, “Parte da dificuldade conceitual relativa à noção de etnicidade encontra-se no fato de ser ela mesma uma abstração criada pelos processos de *nation-building*” (:21, tradução da resenhista). Sua opção teórico-metodológica é então a de discutir a noção mais como um termo heurístico do que como categoria êmica. Desse modo, a etnicidade é vista como baseada em padrões observados ou analiticamente derivados de interação, traçados através do tempo, e assim iluminando certos agregados de pessoas.

Decorrente dessa posição, há todo um cuidado com a questão da terminologia. A mais problemática se refere aos antigos habitantes da atual Assirus, então Guvezna, falantes do eslavo (*slavik speakers*). Sua preocupação, segundo a *Introdução* do livro, revela a tentativa de preservar as “pessoas do passado” de categorizações que fazem sentido em momentos posteriores, relativas à construção de identidades nacionais ou mesmo dos Estados-Nacionais. Porém, como ao longo

do livro nos é dado ver, e sobretudo em seu *Afterwords*, essa preocupação também ecoa junto aos atuais moradores da região. Se a denominação *slavic-speakers* tenta, no contexto da escrita, reforçar o aspecto polissêmico, dinâmico, ambíguo das noções de etnicidade (e identidade), as repercussões de seu livro mostram que em ‘contextos de prática’ também essa denominação pode se ver impregnada de essencialismos, fixações e estereotípias.

Os principais aspectos analisados no processo de formação da identidade nacional na região, em vários momentos históricos, são a própria questão da língua, a organização social e política e as condições materiais de existência dos vários grupos envolvidos. É sobretudo rica a exploração da autora sobre as relações de parentesco. Por exemplo, as relações de afinidade e apadrinhamento mostram fundamental importância ao longo do século XX, momento em que as ‘marcas de diferenciação’ em Guvezna/Assirus passam a ser redefinidas pelo poder político e econômico. Mas a grande atenção em termos de parentesco é dada ao estudo do padrão de casamento entre mulheres falantes do eslavo e homens falantes do grego, vindos do Sul da atual Grécia, ao final do século XIX. Ao longo dos tempos e gerações, o silêncio e a estigmatização sobre essas alianças e inter-relações se revelam índices e instrumentos na construção da hegemonia grega/helênia, junto à formação de uma elite comprometida com o estado nacional (*os tsorbadjidhe*).

É importante também sua utilização da memória oral. O uso desse material evidencia entrelaçamentos e conexões entre seus vários pontos de análise (parentesco, organização social, relações econômicas etc.), tanto quanto reafirma a importância desse tipo de fonte em contraposição à história escrita, oficial, em cuja seleção se reafirmam as exclusões e inclusões do próprio processo histórico descrito.

A utilização da memória oral permite, igualmente, que sejam percebidas a agência dos grupos ‘dominados’, bem como a ação e participação dos indivíduos na ‘helenização’ da Macedônia. No caso, em relação aos *slavic-speakers*, a visão que se tem não é a de sujeitos passivos ou simplesmente vitimizados. Aparecem, sim, como pessoas que fizeram escolhas, guiadas por leituras sobre os contextos, pelo desejo de vida e sobrevivência, pelo acionamento de redes de trocas e interação previamente estabelecidas, por contingências.

Seu relato é competente em articular a vida e temporalidades da área estudada com contextos históricos, sócio-econômicos e políticos mais amplos. Assim, não somente evidenciam-se os processos de formação dos estados-nação próximos e atuantes na região – Bulgária, Grécia, Sérvia – , como são percebidos os efeitos do fortalecimento do capitalismo e da reorganização

dos eixos econômicos e políticos mundiais ao longo do século XX. É interessante, nesse sentido, a articulação entre tais contextos mais amplos e a transformação das marcas de diferenciação entre os habitantes de Guvezna/Assirus. A contraposição entre *slavic-speakers* e gregos cede espaço, ao longo do tempo, às contraposições entre novos partidos políticos surgidos na Grécia; ou à contraposição entre locais/refugiados, após a Guerra com a Turquia; ou, depois da Segunda Guerra Mundial, entre conservadores/ comunistas.

É difícil concluir esta resenha sem a sensação de ter simplificado ou omitido aspectos importantes de seu trabalho. Por isso, é importante acentuar o esforço monumental da autora na reconstituição de um processo de longa duração guardando, ao mesmo tempo, o espaço da singularidade e particularidade das vidas estudadas. De um ponto de vista mais geral, seu trabalho oferece elementos provocativos para a reflexão sobre as fronteiras. No caso dos Bálcãs do Sul, a sensação com a qual se fica é a de uma vocação da região e de seus povos para a comunicação e o contato. No final da Era Otomana, a partir de sua descrição quase nostálgica, seriam o comércio e as trocas as bases desse contato, imagem das pontes. Com o início da era dos Estado-Nação e do capitalismo, o desejo de alteridade permanece de alguma forma – vista no espaço terceiro da fronteira, que une um entre dois –, porém agora reinventada e encarnada na linguagem cíclica do embate e da violência.

---

**Andréa Borghi Moreira Jacinto.** Mestre  
(Unicamp) e doutoranda em Antropologia Social pela  
Universidade de Brasília